

O CAMINHO: INTERFACE ENTRE CULTURA E ESPAÇOS CULTURAIS NEGROS

MARIELDA BARCELLOS MEDEIROS¹

Universidade Federal de Pelotas – mananegra@gmail.com

CLAUDIO BAPTISTA CARLE²

Universidade Federal de Pelotas - cbarle@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tratará num primeiro momento do caminho percorrido através de uma retrospectiva do processo histórico da escravidão, como trajetória não eurocêntrica, que possibilite uma visão de África no Brasil observando a importância do povo negro sequestrado, que em perpetuando-se contribuiu para a construção da nação brasileira e, em particular, para o Rio Grande do Sul. Pois o objetivo maior é investigar formas culturais afrocentradas³ que se processam nas Festas Black, considerando-as como espaços e formas de visibilidade negra em Pelotas, RS. O segundo momento, tratará dos espaços culturais em diálogo com a negritude, considerando a necessidade de compreendermos uma das questões fundamentais neste contexto de sociedade: os espaços culturais e a construção de identidades. Neste sentido, se faz uma discussão sobre a categoria de “cultura” como ação educativa e de espaço cultural como espaço/tempo históricocultural, considerando este artigo como desafio e preocupação. Desafio porque neste momento estou efetivamente inserida no campo de pesquisa e, preocupação por perceber que as questões culturais, no Brasil, vêm sendo palco de discussões e debates intensos, mas ainda não superamos os estereótipos sociais e continuamos a não evidenciar estes como espaços de direito na realidade urbana das cidades.

2. METODOLOGIA

Neste momento a investigação está sendo realizada, o método para tanto tende a ser identificado como uma revisão bibliográfica para identificar estas formas e espaços afrocentrados nas Festas Black em Pelotas, RS, será desenvolvida uma etnohistória dos documentos existentes sobre as festas e uma etnografia, junto aos participantes e nos momentos de suas realizações neste ano e no próximo, no sentido de garantir a identificação dos atributos apontados pela investigação de outras formas (depende das etnografias, entrevistas, observações das festas).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹ Medeiros, Marielda Barcellos – Professora/Pedagoga e Especialista em Educação/UFPEL; Mestra em Educação/UNIPAMPA; Doutoranda do PPGAnt/UFPEL; Coordenadora do NEENPEL (Núcleo de Educadoras e Educadores Negros de Pelotas); Coordenadora do Centro Cultural Marrabenta/Pelotas-Maputo

² CARLE, Cláudio Baptista – Professor Doutor, Universidade Federal de Pelotas, orientador.

³ Pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos.

Estou desenvolvendo uma etnografia das festas e participantes (observação das festas, fotos, filmagens), realizando entrevistas e transcrevendo, analisando documentos. Ainda não comecei a analisar os dados encontrados.

4. CONCLUSÕES

Ir a campo, retornar a frequentar as festas blacks, possibilitou investigação e entender um pouco dessa forma de fazer, que apresento no texto. A sociedade se caracteriza pela diversidade de identidades e culturas, nessa perspectiva, utilizando da categoria reciprocidade me foi possível identificar no contexto da amizade, afetividade, amorosidade e de valores éticos, relações que mesmo em estruturas e momentos diferentes, possibilita estabelecer interações, valores para a vida de cada interlocutor e principalmente, na minha vida.

A reciprocidade estudada por vários autores em diferentes grupos humanos se apresenta fortemente neste espaço que tomo como campo de pesquisa. Na interface tecida entre estes diferentes espaços que aqui, aparece como pano de fundo, de forma não explícita, um atributo que os marca. Que possibilitou na diversidade profunda entre eles, onde os valores focados no princípio em que a produção cultural (neste caso) é dada a outros num espírito de solidariedade. O marco nessa relação entre as pessoas envolvidas, uma reconstrução fixada tecendo uma circularidade que une cada região desta cidade e neste caso identificada afrocentrada.

Minha radicalidade amorosa hoje, atravessada por situações que me tocam como mulher negra militante, me permite finalizar esta escrita desta forma, pois não seria eu se não falasse de paixão e principalmente, do cuidado comigo e com outros. Por que não seria eu? Porque sou muito intensa e comprometida com tudo que atravessa minha razão e meu coração, no momento atual a Antropologia que em forma de flecha me atravessa e me traz um desafio novo, eu devolvo esta mesma flecha com meu povo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Poutignat, P.; Streiff-Fernart, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Unesp, 1998. pp. 186-227.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. In: Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8, GERI-UAM, www.relacionesinternacionales.info, junio de 2008
- DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.
- ELLIS, Carolyn; ADAMS Tony E.; BOCHNER, Arthur P.. Autoetnografia: Un panorama. Astrolabio, [S.l.], n. 14, p. 249 -273, jun. 2015. (Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/11626>>. Acesso em Dez. 2018)
- FORTIN, Silvie Contribuições possíveis da etnografia e autoetnografia para a pesquisa prática na dança. REVISTA CENA - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (Meio eletrônico)– Nº 7, (pp 77-88), 2009
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

- GILROY, Paul. Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça. Trad. de Celia Maria Marinho de Azevedo et al.- São Paulo: Annablume, 2007.
- GROSSI, Miriam, FRY, Peter H. "Conversa com Eunice Durham e Ruth Cardoso". In: GROSSI, Miriam Pillar, ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. Reunião Brasileira de Antropologia. Conferências e práticas antropológicas - 25a RBA – (Goiânia, 2006), Blumenau, Nova Letra, 2007.
- HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003
- LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. Elementos teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras: diálogo com a comunidade-terreiro Ilê À Se Yemonjá Omi Olodô e "O acolhimento de alimenta a ancestralidade". (Tese de Doutorado para obtenção do grau de Doutora em Teologia - Faculdades EST - Programa de Pós-Graduação Área de concentração: Religião e Educação) São Leopoldo: EST, PPG, 2014, 244p.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica de cultura. Tradução Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- MALOMALO, Bas'ilele. Repensar o multiculturalismo e o desenvolvimento no Brasil: políticas públicas de ações afirmativas para a população negra (1995-2009): volume 1. [recurso eletrônico] / Bas'ilele Malomalo – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.
- MBEMBE, Achille As Formas Africanas de Auto-Inscrição. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, pp. 171-209, 2001.
- MELLINO, Miguel, La crítica poscolonial : descolonización, capitalismo y cosmopolitismo en los estudios poscoloniales. 1a ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. In: Ethos Brasil. Ano I, n 1, março 2002, p. 11-20.
- _____. Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En libro: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. In: Novos Rumos 6 ANO 17, Nº 37, 2002
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia, Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores - 1a ed. - Buenos Aires : Tinta Limón, 2010.
- SAID, Edward W. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. pp. 173-193.
- SANTOS, Milton, A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SODRÉ, Muniz A. C. Pensar nagô. Rio de Janeiro: Vozes, 2017
- SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.